

## Chamada para artigos

Revista Risco número especial, “Internacional Situacionista, o protagonismo das ruas”

Prazo: **30 de junho de 2019.**

A Revista Risco, editada pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, campus São Carlos, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do mesmo Instituto, informa que está aberta a chamada de artigos para o número especial **Internacional Situacionista – o protagonismo das ruas**, a ser lançado na edição V.17 nº 03, em dezembro de 2019.

A Internacional Situacionista (IS), fundada em 1957 e dissolvida em 1972, foi formada a partir da união de artistas, arquitetos e ativistas políticos vinculados ao *Grupo Cobra* (1948-51), ao *Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista – MIBI* (1954-57), à *Internacional Letrista* (1952-57), e à *Associação Psicogeográfica de Londres* (1957). Suas atividades, de caráter experimental e de crítica social e política, tomaram a cidade como palco e campo de ação para a revolução da vida cotidiana. A IS criticava a vida nas cidades modernas, acusando o urbanismo funcionalista e segregacionista como responsável pela monotonia e alienação dos indivíduos. Suas atividades visavam aproximar arte e vida a partir da construção de situações coletivas, para isso formularam um conjunto de conceitos como *urbanismo unitário*, *deriva*, *psicogeografia*, *situações construídas*, *desvio*, *comportamento experimental*, e o conceito de *sociedade do espetáculo*, que constituem um relevante arcabouço teórico ainda atual.

Os anos 1960 foram marcados internacionalmente como um período de governos ditatoriais e autoritários, pelo aumento da burocratização social, da produção industrial, do consumo. Simultaneamente, foi neste contexto que se deu a ascensão de uma cultura *underground*, psicodélica e subversiva dos costumes e da ordem estabelecida. Diversos movimentos artísticos com esse caráter apontam o protagonismo da rua enquanto local privilegiado para as manifestações, em detrimento dos espaços institucionalizados, como museus e galerias de arte. A produção artística nesse período buscou vincular a experimentação de linguagem e as possibilidades de uma arte participante como crítica social e política. A rua passou a ser o espaço mais apropriado para as trocas coletivas, e a arte um convite à participação, à desalienação, reação à repressão e também crítica à passividade do indivíduo na sociedade do “espetáculo”.

Guy Debord lançou *La Société du Spectacle* em 1967, definindo o espetáculo como “o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social”. Segundo ele, na sociedade atual as relações sociais são mediadas por imagens (imagens que se tornaram seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico). A crítica à sociedade do espetáculo assim estende-se à crítica às cidades e ao projeto urbano moderno.

Como desdobramentos das ideias da IS, das derivas e mapas psicogeográficos, confirmando suas potências artísticas e político-culturais, podemos mencionar o grupo holandês *Provos*, fundado por Robert Jasper Grootveld e a conhecida manifestação das Bicicletas Brancas, o grupo *Fluxus*, fundado por George Maciunas e os itinerários e as excursões pela cidade, os *happenings*, o *Exploding Galaxy*, fundado pelo artista filipino David Medalla, em Londres, e suas *Explorações Transmídias*, bem como diversos artistas que também expandiram suas atividades, antes limitadas à tela, para o espaço das cidades, como foi o caso do artista brasileiro Hélio Oiticica ou do americano Gordon Matta-Clark.

Nicolas Bourriaud, em *Estética Relacional*, considera que não é possível compreender a arte contemporânea, com suas produções aparentemente inapreensíveis, quer sejam processuais ou comportamentais, sem se abrigar na história dos anos 1960. Talvez essa questão explique um número crescente de pesquisas que vem confirmando o vigor e repercussão do pensamento situacionista nas reflexões sobre a cidade e os espaços urbanos contemporâneos.

Neste número são bem-vindos estudos que versem sobre a IS, seus desdobramentos e ressonâncias internacionais e no Brasil, e suas contribuições para compreensão da cidade e da arte contemporâneas. Também são esperadas análises dos grupos citados e de grupos e artistas herdeiros dos conceitos de construção de situação, mapas psicogeográficos e derivas como formas de leituras, intervenções urbanas e transformação da vida cotidiana.

Os Editores

Ana Carolina Fróes Ribeiro Lopes; Carlos Roberto M. de Andrade; Rodrigo Nogueira Lima

**Prazo para submissão de artigos: 30 de junho de 2019**

Os colaboradores interessados devem enviar os seus artigos para o email [revistarisco@gmail.com](mailto:revistarisco@gmail.com) até a data do dia 30 de junho de 2019. Maiores informações sobre a Revista, dúvidas, diretrizes e normas de submissão online podem ser obtidas no endereço: <http://www.revistas.usp.br/risco/index>.

**Email de contato:** [revistarisco@gmail.com](mailto:revistarisco@gmail.com)